Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva

Eliza Bachega Casadei*

Resumo: A partir da constatação de que o conceito de "memória coletiva" tem se tornado cada vez mais importante para diversas áreas das Ciências Humanas, o presente artigo propõe o estudo da discussão entre o inventor do termo, Maurice Halbwachs e o historiador Marc Bloch em torno desta temática. Ao passo em que Halbwachs estabelece, pioneiramente, um trabalho que retira a memória de uma esfera meramente individual, Bloch acrescenta a problemática da transmissão das lembranças coletivas. O objetivo do presente texto é resgatar esse debate, bem como estudar como ele influenciou nos desdobramentos posteriores em torno do tema.

Palavras-chave: transmissão da memória; usos do passado; tradição.

Abstract: After noting that the concept of "collective memory" has become increasingly important for many areas of Humanities, this paper proposes the study of discussions between the inventor of the term, Maurice Halbwachs and historian Marc Bloch around this theme. Halbwachs was pioneer when he took away the memory of a sphere merely individual and Bloch added the problem of collective memories' transmission. The purpose of this paper is to rescue this debate and study how it influenced the subsequent developments around the theme.

Key words: memory transmission; uses of the past; tradition.

Em sua grande obra sobre os lugares de memória, Pierre Nora (1996: 8) chama a atenção para uma característica que marca as sociedades que experimentam padrões de mudanças rápidas: "o medo de que tudo está na iminência de desaparecer acompanhada com a ansiedade sobre o significado preciso do presente e a incerteza sobre o futuro, investe até a mais humilde testemunha, o mais modesto vestígio, com a dignidade de ser potencialmente memorável". Desta forma, "a resultante obrigação de lembrar faz de todo homem o seu próprio historiador" (NORA, 1996a: 10). Com isso, Nora se refere ao grande número de resgates do passado que emergem de diversos grupos e instituições sociais, colocando os indivíduos diante de um imperativo de memória que ordena a todo o momento com a força de um mandamento: "lembre-se" ("*Thou shalt remember*").

Essa obsessão com a memória também é enfatizada por Andreas Huyssen, quando ele coloca que, em um mundo obstinado pela memória, o esquecimento é visto com desconfiança e frequentemente relacionado com uma "inabilidade para comunicar", com "um fracasso evitável ou com uma regressão indesejável". É por isso que "falamos com facilidade de uma ética do trabalho da memória, mas provavelmente negamos que poderia existir uma ética,

Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

muito mais do que simplesmente uma patologia do esquecimento" (HUYSSEN, 2005: 22).

Diante da importância que o conceito de memória coletiva tem adquirido para o entendimento de diversas áreas das Ciências Humanas, o presente artigo busca estudar as primeiras configurações em torno desta temática. As mortes trágicas e prematuras do sociólogo Maurice Halbwachs e do historiador Marc Bloch interromperam uma profícua discussão que se dava em torno do conceito de memória coletiva. O objetivo do presente artigo é resgatar esse debate, bem como estudar como ele influenciou nos desdobramentos posteriores em torno do tema.

Maurice Halbwachs (1877-1945)

Maurice Halbwachs não só foi o primeiro estudioso a cunhar o termo "memória coletiva", como também foi o primeiro a pensar em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, dominante nas pesquisas até então. Nomes importantes como "Marcel Proust, William James e Sigmund Freud, contemporâneos de Halbwachs, estavam todos a sua maneira voltados para o estudo da memória como forma de conhecimento da realidade, amplamente fundada em características subjetivas" (SANTOS, 2003: 35)[1]. Ao contrário destes autores, no entanto, no campo que Halbwachs inaugura, as memórias de um indivíduo nunca são só suas, uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade.

A influência para essa nova abordagem é claramente durkheimiana: do mesmo modo em que Durkheim (2005) transferiu a noção do suicídio (antes tido como um fenômeno puramente individual) para um plano sociológico, Halbwachs opera uma inversão semelhante em relação à memória, ao entendê-la como um fato social que poderia ser delimitado através da pesquisa de padrões de comportamento.

Os escritos de Halbwachs são um ataque direto ás teses psicologizantes da memória, representadas na época, principalmente, pela figura de Charles Blondel. Segundo este autor, a memória individual não é só uma condição necessária, mas também suficiente para a recordação e para o reconhecimento das lembranças. A obra de Halbwachs – a partir da publicação, em 1925, de *Les Cadres Sociaux de la Memoire* – se estrutura contra esse argumento, ao

[1] Como explica Santos (2003: 50-51): "Bergson construiu uma teoria a partir da mediação entre atitudes adaptativas, orgânicas e intuição e subjetividade. Respondeu às crenças no determinismo da matéria sobre o espírito defendendo uma relação entre ambas. Freud desenvolveu conceitos que tinham por base diferentes sistemas psíquicos, um referenciado na 'matéria' e outro na relação do indivíduo com o mundo. Trouxe para o corpo humano a dualidade entre matéria e espírito. Halbwachs rejeitou ambas as teorias sobre a memória e deslocou o eixo do debate: as vivências do passado não estavam materializadas em nossos corpos ou mentes, mas na sociedade. Afirmou não só que não podemos armazenar fisicamente a totalidade de nossas experiências passadas, mas também que a memória não pode ser explicada a partir do conflito entre a matéria e o espírito, ou mesmo, entre o consciente e o inconsciente".

Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010
Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

postular que não só nós nunca nos lembramos sozinhos, como também o fato de que a memória se esvai quando nos afastamos do grupo que estava a ela ligado.

Como exemplo, o autor cita os sonhos como um momento em que a recordação está de todo ausente, uma vez que, muito embora ele apresente fragmentos que se assemelhem a lembranças ou reminiscências, nunca uma cena completa do passado aparece diante dos olhos. A hipótese delineada por Halbwachs é que isso acontece porque é justamente no sonho que se pode observar o momento em que o espírito está mais afastado da sociedade. Neste sentido, sem este suporte social que confronta a nossa consciência com as memórias de outros, toda recordação se faz impossível.

Algo parecido está em suas análises sobre as memórias de infância. Aqui, Halbwachs afirma que nós não somos capazes de armazenar as nossas imagens e pensamentos da primeira infância porque, nesta fase da vida, "nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social" (HALBWACHS, 2006: 43).

Ele coloca que mesmo quando adultos julgam lembrarem-se de fatos da infância nos quais eles estavam completamente sozinhos, essa impressão de uma memória puramente individual não passa de uma ilusão. Isso porque a criança, mesmo sozinha, não deixa de sofrer a influência do grupo familiar (o principal nessa época da vida). Além disso, opera-se um contraste entre a integração no núcleo familiar e o sentimento de abandono, aliados às experiências posteriores da vida adulta: "portanto, o conteúdo inicial dessas lembranças, que as destaca de todas as outras, se explicaria pelo fato de estarem no ponto em que se cruzam duas ou mais séries de pensamentos, pelos quais elas se interligam a tantos outros grupos diferentes" (HALBWACHS, 2006: 48).

Neste sentido, não é senão "a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma" (RICOEUR, 2007: 130). E isso porque a memória individual não é nada mais do que a memória formada pela vivência de uma pessoa em diversos grupos ao mesmo tempo. É a soma não redutível destas várias memórias coletivas que se alocam no ser e representam a sua parcela individual de experiência. Em outras palavras, a constituição da memória é, em cada indivíduo, uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos nos quais ele sofre influência – e isso explicaria, em grande medida, porque as pessoas guardam memórias diferenciadas.

É neste sentido que, "poderíamos invocar um número enorme de lembranças muito originais de adultos, que se apresentam com tal característica de unidade, que parecem resistir a qualquer decomposição", mas, no entanto, "para esses exemplos, poderíamos sempre denunciar a mesma ilusão". Essa ilusão se refere ao fato de que a influência destes diferentes grupos só encontra ressonância no próprio interior do indivíduo e, desta forma, "se certo membro do grupo vier a fazer parte ao mesmo tempo de um outro grupo, se os pensamentos que ele tem de um e do outro se encontram de repente em seu espírito... teoricamente só ele perceberá esse contraste" (HALBWACHS, 2006: 49). O indivíduo participa, portanto, de dois tipos de memórias, sendo a individual,

Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

uma mera combinatória das inúmeras coletivas.

Assim, as memórias não estariam materializadas nos corpos ou mentes, mas na sociedade circundante, através dos diversos grupos que a compõe. E isso se dá na medida em que, para recordar, os indivíduos precisam utilizar convenções sociais que não são criadas por eles – afinal, "o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente" – e também de outras pessoas que possam legitimar suas próprias recordações – "para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras" (HALBWACHS, 2006: 72)[2].

Em resumo, as teses trabalhadas em *Les Cadres Sociaux de la Memoire* - que serão posteriormente flexibilizadas, mas ainda permanecerão presentes em toda a obra de Halbwachs – estão relacionadas, basicamente, à noção de que as memórias devem estar sujeitas aos seus suportes sociais, denominados quadros sociais de memória. A inovação de seu pensamento se ancora no fato de que o autor "incorpora a lógica dos grupos no contexto de um tratamento em que as representações coletivas – que condicionam e possibilitam a atividade da memória – vinculam as necessidades práticas destes grupos com a resistência inercial da tradição" (SORGENTINI, 2003).

Marc Bloch (1886-1944)

Em sua resenha sobre *Les Cadres* feita em Dezembro de 1925 para a *Revue de Synthèse*, Marc Bloch elogia o trabalho de Halbwachs, apresentando-a como uma "obra extremamente rica e sugestiva" (BLOCH, 1998: 224) para os estudos históricos. Não obstante isso, o historiador tece uma série de críticas ao livro que, de certa forma, marcam um ponto de partida sobre as depurações que teóricos posteriores dariam em torno desta temática.

Para entendermos a crítica de Bloch, é necessário sublinhar que, para ele, pelo menos uma parte dos fenômenos que são chamados de memória coletiva é, na verdade, "fatos da comunicação entre indivíduos". Isso porque "para que um grupo social cuja duração ultrapassa uma vida humana se 'lembre' não basta que os diversos membros que o compõem em um dado momento conservem no espírito as representações que dizem respeito ao passado do grupo". Antes de qualquer coisa, "é também necessário que os membros mais velhos cuidem de transmitir essas representações aos mais jovens" (BLOCH, 1998: 229).

[2] Para Halbwachs (2006:31), "outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adotando seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas" (HALBWACHS, 2006: 31).

Ao tratar a questão da memória coletiva como um dado comunicacional, várias implicações são articuladas a partir da noção de que os mesmos problemas que afligem a comunicação atingem também a memória coletiva. E isso diz respeito, basicamente, ao fato de que ela está sujeita a erros de transmissão, a mal entendidos e até mesmo, a distorções conscientes em torno do passado. Bloch coloca, portanto, a possibilidade de existirem falsas recordações e enganos dentro da memória coletiva. Ele cita como exemplo o fato de que "essencialmente tradicionalistas, as sociedades da Idade Média sonharam reviver a sua memória; mas esta memória não foi, em muitos aspectos, mais que um espelho infiel" (BLOCH, 1998: 231)[3].

Outra crítica que Bloch faz ao pensamento de Halbwachs está na divisão bastante demarcada que o primeiro faz entre história e memória. Isso porque, se Maurice estabelece uma relação íntima entre a memória individual e a memória coletiva, de maneira que as duas se interpenetram, a memória histórica possui uma relação muito mais exterior.

A história, para Halbwachs, é entendida como a representação de um passado "sob uma forma resumida e esquemática", como "o epitáfio dos fatos de outrora, tão curto, geral e pobre de sentido como a maioria das inscrições que lemos sobre os túmulos. A história parece um cemitério em que o espaço é medido e onde a cada instante é preciso encontrar lugar para novas sepulturas" (HALBWACHS, 2006: 74)[4]. Essas informações frias da História só adquiriam um sentido mais denso se puderem ser correlacionadas a alguma vivência pessoal – da própria pessoa ou de seu grupo mais imediato ligado pelos vínculos entre gerações. É somente através do vínculo geracional que se pode efetuar a transição entre a memória aprendida e a memória vivida.

Objetivamente, Halbwachs aponta duas características principais que distinguem as memórias coletivas das memórias históricas. A primeira delas se relaciona ao fato de a memória coletiva ser uma corrente de pensamento contínuo, não artificial, que retém o passado que ainda está vivo (ou que é capaz de viver na consciência do grupo) e se confina aos limites desse grupo. A História, pelo contrário, é construída a partir de muitas divisões e cortes temporais artificiais e se coloca acima dos grupos. A outra característica remete à existência de muitas memórias coletivas, na medida em que cada grupo tem uma história, enquanto a História se pretende como universal.

Assim, a História surge no exato ponto em que a tradição termina, no instante em que a memória social se decompõe

[3] Outro exemplo explorado por Bloch está na memória coletiva religiosa, mais especificamente, nos ritos cristãos, quando ele se pergunta se o seu significado atual se confunde com o seu significado primitivo. Segundo o historiador, "poucos historiadores da religião concordam. Vale a pena recordar que a idéia de comunhão divina nada tem de especificamente cristão; no primeiro século da nossa era, fazia parte do patrimônio comum, nos litorais do Mediterrâneo, para um grande número de pessoas; não vai buscar sua origem ao relato da Ceia; este relato, pelo contrário e com toda a evidência, só por ela se explica. Do mesmo modo, só secundariamente foi possível ligar o banquete pascal à linda história que agora lhe serve de justificação; e há que admitir que a sutura ficou muito mal feita. De modo que temos aqui falsas recordações. Irá M. Halbwachs estudar um dia destes os enganos da memória coletiva?" (BLOCH, 1998: 230).

[4] Apesar de o trecho citado dizer respeito a obra *A Memória Coletiva,* Halbwachs publicou um artigo com este mesmo teor na revista dos Annales. Sobre isso, ver SORGENTINI, 2003.

Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

ou se esgarça até o ponto de ruptura. Mais do que isso, quando a memória de uma sequência de acontecimentos perde o seu suporte de um grupo, quebra-se um elo fundamental da memória, pois esta só pode ser exercida na medida em que ainda existam indivíduos que participaram destes eventos e que tem a condição de relatá-lo. Neste sentido, a memória desaparece quando a História surge.

Como bem aponta Sorgentini (2003), "mais do que o caráter oposicional do vínculo e a apelação ao caráter objetivo da história, o problema da consideração halbwachiana reside na tensão entre essa objetividade 'ingênua' e a constatação da existência de uma função prática da história detectada a luz da exploração das funções da memória". A história, neste sentido, acaba funcionando no pensamento de Halbwachs como um mecanismo de restabelecimento da continuidade da tradição. É justamente este ponto que se choca com as idéias de Bloch a respeito das pontes que podem ser estabelecidas entre o presente e o passado e se voltavam, mais especificamente, contra a visão tradicional de Halbwachs sobre a objetividade do conhecimento histórico. Bem de acordo com o espírito da Escola de *Annales*, para Bloch, os fatos históricos eram produtos da intervenção ativa do historiador e, desta forma, os estudos da memória coletiva deveriam estar voltados às causalidades inerentes às ações sociais, não podendo ser derivadas de estudos empíricos sobre padrões de comportamentos.

É, portanto, a partir de uma crítica à noção de "verdade" (pensada a partir dos mecanismos de transmissão da memória coletiva) que está estruturado o argumento de Bloch. Como escreveria posteriormente, "deveria ser supérfluo lembrar que (...) os testemunhos mais insuspeitos em sua proveniência declarada não são, necessariamente, por isso, testemunhos verídicos" (BLOCH, 2001: 97)[5].

A questão da transmissão da memória como um problema de comunicação é aprofundada nos seus escritos ulteriores e se estrutura em dois termos que dizem respeito, de um lado, à noção de que a tradição não pode ser considerada como contínua e, de outro, à atribuição de uma função especial para a história relacionada à crítica da tradição[6] (SORGENTINI, 2003).

Quanto a isso, podemos dizer que, para Bloch, a relação entre o presente e o passado é bastante sutil na medida em que não é possível estabelecer uma distinção entre o "atual e o inatual está longe de se ajustar necessariamente pela média matemática de um intervalo de tempo" (BLOCH, 2001: 61). E isso porque o passado se apresenta como um conjunto vivo de representações, que podem mudar tão incessantemente

[5] O autor acrescenta que, no caso destes testemunhos inverídicos, "não basta constatar o embuste. É preciso também descobrir seus motivos. Enquanto subsistir uma dúvida sobre suas origens, ele permanecerá em si mesmo algo de rebelde à análise. (...) Acima de tudo, uma mentira enquanto tal é, a seu modo, um testemunho" (BLOCH, 2001: 98).

[6] "Para que uma sociedade, qualquer que fosse, pudesse ser inteiramente determinada pelo momento logo anterior àquele que vive, não lhe bastaria uma estrutura tão perfeitamente adaptável à mudança que ficaria efetivamente desossada". Mais do que isso, "seria preciso ainda que as trocas entre as gerações operassem apenas, ouso dizer, em fila indiana, as crianças só tendo contatos com seus ancestrais por intermédio dos pais" (BLOCH, 2001: 64). Isso, no entanto, seria impensável – como provam, por exemplo, o intenso contato das crianças com seus avós nos anos de formação – e "a observação comprova, ao contrário, que nesse imenso *continnum* os grandes abalos são capazes de propagar desde as moléculas mais longínquas até as mais próximas" (BLOCH, 2001: 64).

Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

quanto o presente: "essa solidariedade das épocas tem tanta força que entre elas os vínculos de inteligibilidade são verdadeiramente de sentido duplo". E assim, se "a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado", também "talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe sobre o presente" (BLOCH, 2001: 65).

A partir destas constatações, as distinções entre a história e memória postas por Halbwachs perdem um pouco o sentido, na medida em que ambas estão sujeitas a essa determinação pelo presente. A representação do passado, qualquer que seja, nunca pode escapar da intervenção ativa de quem o retrata. A história, pensada desta forma, não pode ser um corpo fixo e, a medida que seu ponto de partida está sempre no presente, o historiador está sujeito ao fato de que "no filme por ele considerado, apenas a última película está intacta. Para reconstituir os vestígios quebrados das outras, tem a obrigação de, antes, desenrolar a bobina no sentido inverso das seqüências" (BLOCH, 2001: 67). Assim como a memória, a história também só tem sentido a partir de certas determinações do tempo presente.

E, neste ponto, nos encontramos novamente com a problemática da transmissão das memórias coletivas. A crítica à tradição ganha tonalidades idênticas, aqui, à crítica dos documentos, na medida em que, como os documentos não surgem sozinhos nos arquivos, "os problemas que a sua transmissão coloca, longe de serem apenas o alcance de exercício de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações" (BLOCH, 2001: 83).

E é por isso que a história "já não é a 'memória universal do gênero humano' como pretendia Halbwachs", mas "aspira a consecução de uma memória universalista que expressa, antes de um encontro com a tradição, a necessidade de um exame crítico dos mecanismos de sua transmissão e configuração através das lembranças coletivas" (SORGENTINI, 2003).

Sobre este aspecto, a preservação dos testemunhos, bem como a sua destruição ou o seu falseamento, "têm sua origem nas forças históricas de caráter geral; não apresentam nenhum traço que não seja perfeitamente inteligível; mas são desprovidas de qualquer relação lógica com o objeto de investigação cujo desfecho se acha, no entanto, colocado sob sua dependência" (BLOCH, 2001: 86).

Bloch enumera mesmo uma série de exemplos que apontam para este problema. Ele chega a indicar mesmo que "do mesmo modo que indivíduos, existiram época mitômanas" (BLOCH, 2001: 99). Atribuições de falsas autorias, plágios, decretos pontificais inventados e capitulares forjadas para apoiar a autoridade da Sé romana, bem como as evocações do romantismo que bebia tanto da fonte do primitivismo quanto do popular são exemplos citados pelo historiador para enfatizar o fato de que "os períodos mais ligados à tradição foram também os que tomaram mais liberdade com sua herança precisa. Como se, por uma singular revanche de uma irresistível necessidade de criação, à força de venerar o passado, naturalmente se fosse levado a inventá-lo" (BLOCH, 2001: 99-100)[7].

[7] Em seu livro *A Sociedade* Feudal, Bloch destina um capítulo sobre a memória coletiva e,

Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010 Revista Espaço Acadêmico - Nº 108 - Maio de 2010

As críticas de Bloch foram importantes, uma vez que influenciaram sobremaneira os estudos posteriores em torno do conceito de memória coletiva.

É bastante significativa, neste sentido, a abordagem de Michael Pollak, para quem Halbwachs, em grande parte como resultado de suas raízes durkheimianas, teria sido incapaz de enxergar os elementos de dominação ou de violência simbólica existentes nas diversas formas de memória coletiva. Muito pelo contrário, Halbwachs a enxergaria como um fator que acentuação da força de coesão de um grupo. E isso é devido ao fato de que "na tradição européia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva" (POLLAK, 1989: 4).

É justamente no reconhecimento desse elemento interno problemático da memória coletiva – ligado à violência simbólica e aos processos de dominação - que se dá a mudança de olhar em torno do tema. Diferentemente da abordagem durkheimiana:

> numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (...) Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes (POLLAK, 1989: 4).

Além disso, elas acrescentam o fato de que a memória coletiva passa a ser vista como sinônimo de representações ou identidades coletivas com dimensão histórica – campo de estudo que ganhou espessura na década de 1980. "O passado deixou de ser resgatado a partir de uma estrutura pré-determinada e passou a ser compreendido a partir dos grupos sociais envolvidos em sua construção" (SANTOS, 2003: 78).

---

ao ressaltar o papel que ele exercia na sociedade medieval, aponta os mesmos problemas de transmissão. Segundo o autor, "todavia, não nos deixemos enganar: esta época, que tão facilmente se voltava para o passado, possuía dele apenas representações mais abundantes do que verídicas. Tanto a dificuldade de informação que existia, mesmo sobre os acontecimentos mais recentes, como a inexactidão geral dos espíritos, condenavam a maioria dos trabalhos históricos a suportarem estranhas escórias. Toda uma tradição narrativa italiana, que começa desde os meados do século IX, esquecendo-se de registrar a coroação do ano 800, fazia de Luís, o Pio, o primeiro imperador carolíngio. (...) Certamente que as grandes falsificações que exerceram a sua acção sobre a vida política civil ou religiosa da era feudal são ligeiramente anteriores a ela: a pseudo-Doação de Constantino datava do século VIII que terminava; as obras da espantosa oficina à qual se devem, como trabalhos principais, as falsas decretais atribuídas a Isidoro de Sevilha e as falsas capitulares do diácono Bento foram um fruto da renascença carolíngia, no seu florescimento. Mas o exemplo dado deste modo devia atravessar os tempos. A colectânea canónica compilada, entre 1008 e 1012, pelo santo bispo Burchard de Worms, fervilha de atribuições enganadoras e de arranjos quase cínicos. Partes falsas foram forjadas na corte imperial" (BLOCH, 1982: 112).

Referências:

BLOCH, Marc. "Memória coletiva, tradição e costume: a propósito de um livro recente". *In* BLOCH, Marc. **História e Historiadores: textos reunidos por Étienne Bloch.** Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

_____. **A Sociedade Feudal.** Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo, Centauro: 2006.

_____. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

HUYSSEN, Andreas. "Resistência à Memória: os usos e abusos do esquecimento público". *In* BRAGANÇA, Aníbal e MOREIRA, Sônia (org.). **Comunicação, Acontecimento e Memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

NORA, Pierre. **Realms of Memory: the construction of the French Past**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1996.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". **Estudos Históricos**. Volume 2, número 3. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúleda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SORGENTINI, Hernán. "Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia". **Revista Brasileira de História.** Volume 23, ano 45, São Paulo, Julho de 2003.

* **ELIZA BACHEGA CASADEI** é Mestranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo com bolsa CNPQ.